

A FILOSOFIA, A EVOLUÇÃO E AS NOVAS CIÊNCIAS – um breve ensaio

*Evoluir é transformar-se; é desenvolver-se no sentido
do aperfeiçoamento. É a sobrevivência do mais apto.*

(Herbert Spencer – cientista britânico, 1779-1853)

MUCIO PIRAGIBE RIBEIRO DE BAKKER*
Contra-Almirante (Ref^o)

SUMÁRIO

Introdução
A evolução
O monismo
A filosofia de Haeckel
O criacionismo bíblico
As críticas aos textos bíblicos e as religiões
O milagre
Outros filósofos evolucionistas
O desenvolvimento das hipóteses darwinianas
Novas conquistas biológicas
Novos ramos do conhecimento humano
Novos aspectos da história da filosofia
Palavras finais

* Conferencista, escritor e colaborador frequente da *RMB*. Foi diretor da Escola de Guerra Naval, secretário da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar e diretor de Hidrografia e Navegação da Marinha, dentre outros cargos.

INTRODUÇÃO

O conflito entre a razão e a fé, que apaixonou os filósofos dos séculos XVIII e XIX, iniciou-se praticamente com o Iluminismo¹, movimento intelectual que caracterizou o pensamento europeu no século XVIII, o Século das Luzes, particularmente na França, Inglaterra e Alemanha, baseado na crença do poder da razão para solucionar os problemas sociais. Apesar de algumas divergências, os iluministas foram adeptos do ceticismo, do deísmo, do empirismo e do materialismo, opunham-se à tradição representada sobretudo pela Igreja Católica e lutaram por uma nova ordem social e política. A democracia e o liberalismo modernos, assim como a renovação industrial, tiveram íntima relação com o Iluminismo, e a Revolução Francesa foi sua principal expressão no plano político.

A EVOLUÇÃO

Com a Revolução Industrial, nascida de um pouco de ciência, todas as ciências, de

um modo geral, foram estimuladas, inclusive a biologia e a doutrina da evolução, cujas ideias já começavam a florescer no meio científico internacional: Kant falara da possibilidade de macacos se transformarem em humanos; Goethe escrevera *A metamorfose das plantas*; Erasmus Darwin (avô de Charles Darwin) e Lamarck propuseram a Teoria da Evolução das Espécies, das formas simples às mais complexas por meio da hereditariedade dos efeitos do uso e não-uso; e, em 1830, Saint-Hilaire triunfara sobre Cuvier no famoso debate sobre a evolução, quando este defendeu a ideia clássica da imutabilidade das coisas².

A evolução estava, assim, em pleno andamento: Spencer³ já exprimira a ideia antes de Darwin, num ensaio em 1852 – “The Development Hypothesis” – e, mais tarde, nos seus *Princípios de Psicologia* (1855); após, em 1858, Darwin e Wallace⁴ leram as suas famosas comunicações evolucionistas na Linnaean Society; e, em 1859, em 24 de novembro, Darwin fez publicar o seu trabalho “On the Origin of Species, by means of Natural Selection”

1 Iluminismo – Entre os seus principais representantes estão: Hume (David), filósofo escocês (1711-1766); Goethe (Johann Wolfgang von), escritor, poeta e político alemão (1729-1781); Voltaire (François Marie Arouet), filósofo francês (1694-1778); Rousseau (Jean-Jacques), filósofo e romancista suíço de língua francesa (1712-1778); Diderot (Denis), filósofo e escritor francês (1713-1784); Holbach (Paul Henry Thiry, Barão de), filósofo e escritor francês de origem alemã (1723-1789); e Montesquieu (Charles de Secondat, Barão de la Brède e de), filósofo, escritor e pensador francês (1689-1755).

2 Kant, Emanuel (Koenigsberg, Prússia Oriental – 1724-1804), professor e filósofo alemão, cujas obras influenciaram todo o pensamento filosófico do século XIX. Lamarck, Jean Baptiste de Monet, Cavaleiro de (1744-1829), naturalista francês. Na sua obra *Filosofia Zoológica* (1809) e depois na *História Natural dos Animais sem Vértebras* (1815-1822) enunciou, pela primeira vez, uma teoria da evolução das espécies, o “lamarckismo”. Saint-Hilaire, Augusté de (1779-1853), naturalista francês. Esteve no Brasil, em 1816, para estudar a flora brasileira. Seu livro *Flora do Brasil Meridional*, em três volumes, e outros que publicou são documentos importantes sobre as condições de vida e os costumes do Brasil durante a primeira metade do século XIX. Cuvier, Georges, Barão de (1769-1832), naturalista francês. Foi um anti-evolucionista intransigente.

3 Spencer Herbert (1820-1903), filósofo e cientista britânico. Autor de um sistema organicista e evolucionista de interpretação do Universo, baseando-se no princípio da evolução, antes mesmo do próprio Darwin. A Lei da Evolução é definida por Spencer como a passagem do homogêneo ao heterogêneo, do menos complexo ao mais complexo, do menos adaptado ao mais adaptado, num processo que supõe a conservação da matéria e da energia. Ao conjunto de sua doutrina deu o título de Sistema de Filosofia Sintética, que compreende os seguintes trabalhos: *Primeiros Princípios*; *Princípios de Biologia*; *Princípios de Psicologia* e *Princípios de Ética*.

4 Darwin, Charles (1809-1882), naturalista inglês, autor da primeira teoria explicativa, realmente científica, da evolução das espécies, em sua obra de 24 de novembro de 1859. Wallace, Alfred Russel (1823-1913) –, explorador e naturalista britânico. Concebeu, ao mesmo tempo que Darwin, os princípios da seleção natural (1858).

(Sobre a Origem das Espécies por meio da Seleção Natural”). Não era mais uma vaga noção da evolução e sim uma minuciosa e ricamente documentada teoria do processo da evolução, “por meio da seleção natural, ou preservação das espécies mais favorecidas na luta pela existência”. Assim, numa década o mundo inteiro passou a falar em evolução, acentuando o conflito entre a razão e a fé e provocando acalorados debates entre cientistas e filósofos, adeptos do evolucionismo, e os religiosos, principalmente, defensores do criacionismo bíblico.

Assim como a matemática havia dominado a filosofia no século XVII, com Descartes, Hobbes, Spinoza, Leibnitz e Pascal, e como a psicologia influenciara a filosofia de Hume, Condillac e Kant e, mais tarde, a de Schelling, Schopenhauer, Spencer, Nietzsche e Bergson⁵, a biologia, durante o século XVIII e início do século XIX, tornou-se o fundamento do pensamento filosófico, até que, em meados do século, em 1859, a publicação da *Teoria da Evolução* de Darwin passou a influenciar todos os campos de estudo, os quais lhe permitiram, sob certos aspectos, servir de suporte ou apoio à nova teoria.

O MONISMO

Por outro lado, muitos estudiosos, cientistas e filósofos consideraram a Teoria da Evolução compatível com a concepção monística do mundo, cuja filosofia explica todos os fenômenos do Universo como simples variações de uma só e mesma substância. O dogma fundamental do monismo considera que esta substância única, se transforma continuamente, e é das sucessivas transformações por que passa que resultam todos os fenômenos em que se desdobra a natureza, em seu eterno desenvolvimento. No monismo contemporâneo, a noção dos atributos e a noção dos modos da substância única⁶, na concepção de Spinoza, o verdadeiro fundador do monismo, foram substituídas pela ideia de transformação. Assim, podemos observar que o monismo e a Teoria da Evolução têm duas concepções que se aliam, que são compatíveis. Entretanto, há várias interpretações do monismo, desde as de natureza espiritual ou idealista até as de aspecto puramente materialista ou realista.

5 Descartes, René (1596-1650), filósofo e matemático francês. Sua obra estende-se a todos os domínios das ciências e teve uma influência considerável nos meios científicos da época. Hobbes, Thomas (1588-1679) professava um materialismo mecanicista rigoroso, ligando toda a realidade à ação e reação dos corpos em movimento. Spinoza, Baruch de (1632-1677) – seu maior objetivo foi transmitir, em sua obra, uma mensagem libertadora diante de todas as servidões sociais, intelectuais e morais, a fim de que o homem pudesse aceder ao ápice de si mesmo. Foi o precursor das críticas aos textos sagrados da Bíblia. Leibnitz, Gottfried Wilhelm (1646-1716), filósofo e matemático alemão, inventou o cálculo diferencial em 1676, independentemente de Newton. Pascal, Blaise (1623-1662), matemático, físico, filósofo e escritor francês. Condillac, Etienne Bonnet de (1714-1780), filósofo francês. Schelling, Friedrich Wilhelm Joseph von (1775-1854), filósofo alemão; no conjunto dos grandes sistemas do idealismo alemão, o seu pensamento representa o aspecto estético. Schopenhauer, Arthur (1788-1860), filósofo alemão; entre as suas obras principais citam-se: *Sobre a Liberdade Humana* (1841) e *O Fundamento da Moral* (1841). Nietzsche, Friedrich Wilhelm (1844-1900), para o filósofo, os valores morais originam-se da reação dos fracos, que colocam o bem como a negação das ações dos poderosos. O bem foi, portanto, definido negativamente. Bergson, Henry (1859-1941), filósofo francês; é autor de uma filosofia espiritualista. Manifestou-se contra o materialismo mecanicista e criticou o darwinismo.

6 Segundo a linguagem de Spinoza, essa substância única tem uma infinidade de atributos (de que somente dois nos são conhecidos: a extensão e o pensamento), e cada um destes atributos tem uma infinidade de modos.

A FILOSOFIA DE HAECKEL

Porém é o monismo naturalístico, isto é, a concepção materialista de Haeckel⁷, que mais se identifica com a Teoria da Evolução e também a que, de modo mais decisivo, torna evidente a identidade dessa teoria com a concepção materialista do mundo. Aliás, Haeckel foi o mais intransigente dos filósofos evolucionistas. Foi o primeiro cientista continental de renome a aceitar, sem reservas, o darwinismo.

A filosofia de Haeckel compreende três doutrinas principais: ateísmo, materialismo e mecanicismo. O Universo, segundo Haeckel, compõe-se unicamente de matéria, em constante processo de mudança de uma forma para outra. A mente humana seria um processo de evolução, tal qual o corpo. Apenas em grau diferia ela da dos animais inferiores. Memória, imaginação, percepção, pensamento, tudo isso seriam simples funções da matéria; a psicologia devia ser encarada como um ramo da fisiologia. Tal era a compacta filosofia materialista e determinista que parecia a Haeckel e aos seus adeptos uma consequência lógica da nova biologia e da Teoria da Evolução. A Teoria da Evolução seria, portanto, uma nova forma da concepção materialista do mundo, isto é, da posição filosófica que considera a

matéria como a única realidade e que nega a existência de alma, de outra vida e de um Deus, conforme concebido pelas religiões, especialmente o judaísmo e o cristianismo.

O CRIACIONISMO BÍBLICO

Aliás, desde o Iluminismo, os filósofos tentam separar, por completo, a ética e a religião e encontrar uma base, quer racionalista quer psicológica, para a conduta humana. A doutrina darwinista, abalando toda a estrutura do criacionismo bíblico, proporcionou um clima adequado ao reconhecimento de vários sistemas ou doutrinas, como o ateísmo, o agnosticismo, o ceticismo, o deísmo, o mecanicismo, o materialismo, o positivismo e, mesmo, a uma apostasia quase generalizada, em princípios do século passado⁸. Entretanto, tal situação foi gradativamente mudando, e muitos filósofos e pensadores atribuíram esse retorno a determinados padrões morais e éticos, ao fato do homem, como animal cultural e social, ter sido dotado pela natureza de um senso inato de procedimento moral, exigência talvez da vida grupal, o qual deveria ser seguido, independente da crença em sanções sobrenaturais. Este procedimento, por conseguinte, poderia ter suas raízes nos instintos naturais do indiví-

7 Haeckel, Ernest Heinrich (1834-1919), naturalista alemão. A sua admiração por Darwin, a quem visitou em 1866, estimulou suas pesquisas anatômicas e embriológicas em animais inferiores, assim como nas faunas marinhas do mundo, observadas no decurso de numerosas viagens.

8 Ateísmo – doutrina que nega a existência de Deus. Agnosticismo – doutrina que considera o absoluto inacessível ao espírito humano e que preconiza a recusa de toda solução aos problemas metafísicos. Ceticismo – atitude de dúvida em matéria religiosa; descrença. Em filosofia, é o sistema que repousa na suspensão do julgamento. Deísmo – doutrina religiosa que rejeita toda revelação e só crê na existência de um Deus como causa do mundo e sua religião natural. Mecanicismo – doutrina filosófica que admite que todo o conjunto de fenômenos naturais é suscetível de ser reduzido a um sistema de determinações mecânicas, isto é, estes fenômenos têm a estrutura comparável a de uma máquina. Materialismo – posição filosófica que considera a matéria como a única realidade e que nega a existência de Deus, da alma e de outra vida. Positivismo – doutrina criada pelo filósofo francês Augusto Comte (1798-1857), segundo a qual toda atividade filosófica e científica deve efetuar-se somente no quadro da análise dos fatos verificados pela experiência. O positivismo foi considerado por Augusto Comte como a base e o fundamento metodológico de uma nova ciência social, a “física social” ou “sociologia”. Mais tarde, o positivismo também foi concebido por Comte como uma nova religião da humanidade, a qual deveria ser elevada à categoria de princípio supremo.

duo e em considerações de utilidade social. A revolta contra os ideais éticos expostos pelos teólogos refletiu-se nos costumes e nas práticas predominantes no período, estendendo-se até os dias atuais.

Porém nem todas as questões morais levantadas quanto às implicações do darwinismo tinham sido resolvidas. Nos Estados Unidos, por exemplo, onde toda a estrutura política e social possui um acentuado fundamento religioso, os protestantes fanáticos do chamado “Bible Belt” americano, que acreditam na interpretação literal dos textos das Escrituras, conseguiram que alguns Estados americanos⁹ proibissem o ensino de qualquer doutrina “contrária à história da criação divina do homem” ou que, então, como querem muitos neoconservadores, que se ensinasse o “criacionismo bíblico” ao lado do evolucionismo nas escolas do país. A questão, além disso, incidia, como ainda incide, no problema delicado do relacionamento entre a Igreja e o Estado, associado à questão da tolerância a todas as crenças, não ofensivas à ordem pública e aos bons costumes.

O que o processo Scope⁹ provou, em todo caso, de maneira primária e imediata é que a teologia tem doravante de levar em consideração as hipóteses científicas naquilo que diz respeito aos dogmas

essenciais sobre a criação do mundo; a origem da vida, dos animais e do homem, e seu destino sobre a Terra. Aliás, o jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin, em seus escritos teológicos e filosóficos, expressa um evolucionismo otimista, vendo na evolução uma progressiva espiritualização da matéria. Obedecendo a um finalismo, o Universo caminharia para um ponto final de amadurecimento e perfeita união com a realidade divina, passando pelo surgimento do homem, por sua socialização e pela criação da cultura¹⁰.

AS CRÍTICAS AOS TEXTOS BÍBLICOS E AS RELIGIÕES

Convém acentuar que desde o século XVII, com os trabalhos do religioso francês Richard Simon,¹¹ e durante todo o Iluminismo, os textos bíblicos passaram a sofrer inúmeras críticas dos cientistas e filósofos, o que se verifica até os dias atuais. Muitos estudiosos e religiosos têm procurado encontrar uma explicação racional para as várias metáforas bíblicas, como, por exemplo: os seis dias do Gênesis; a história de Josué, que fez o Sol deter-se até que fosse assegurada a vitória dos hebreus sobre os canaanitas; a de Jonas, engolido por uma baleia; e da arca de Noé,

9 O chamado “Processo Scope” – ocorrido em 1925, em Dayton, Estado do Tennessee, em que um jovem professor do Liceu de Dayton, John Thomás Scope, fora acusado por “fundamentalistas” bíblicos de ensinar as teorias evolucionistas de Darwin. Com isso, Scope teria violado uma lei do Estado do Tennessee, a qual proibia o ensino de qualquer doutrina “contrária à história da criação divina do homem”. Na época, o caso foi amplamente explorado pelos órgãos da imprensa e pelo rádio, falando-se do novo obscurantismo religioso, algo semelhante à condenação de Galileu, há 400 anos, por haver difundido a heresia do movimento da Terra. No final, Scope teve de pagar uma multa.

10 Pierre Teilhard de Chardin – (1881-1955), jesuíta, filósofo e paleontólogo francês. Entre 1923 e 1946, realizou diversas expedições científicas à Índia, à antiga Birmânia (hoje Mianmá), Java e China, onde participou da descoberta do homem de Pequim. Seus escritos teológicos e filosóficos, proibidos pela Igreja, só foram divulgados após sua morte: *O Fenômeno Humano* (1955); *O Surgimento do Homem* (1956); *O Meio Divino* (1957); *O Futuro do Homem* (1959).

11 Simon Richard – (1638-1712), religioso francês da congregação do Oratório. Em seus trabalhos – *História Crítica do Velho Testamento* (1678) e *História Crítica do novo Testamento* (1689), empenhou-se em estabelecer, à luz de dados linguísticos e históricos, o sentido literal do texto bíblico, o que o levou a pôr em dúvida numerosas idéias aceitas no domínio tradicional da exegese e da apologetica. O ostracismo a que foi submetido teve o efeito de paralisar, durante mais de um século, os estudos bíblicos.

para abrigar dois animais – macho e fêmea – de um milhão de espécies animais que viviam sobre a superfície da Terra; e a passagem do Mar Vermelho pelos hebreus, sob a liderança de Moisés. Segundo Jung (Carl Gustav – 1875-1961), psiquiatra suíço, tais ocorrências poderiam ter seu fundamento na estrutura arquetípica do inconsciente coletivo – algum fenômeno natural, imensamente antigo na memória da humanidade, que teria crescido na fértil imaginação coletiva do homem primitivo.

Porém, mesmo com o questionamento de vários aspectos dos textos das Escrituras, as religiões evangélicas, que se baseiam nesses textos, têm crescido significativamente em todo mundo. Aliás, todo o cristianismo se sustenta na crença de um milagre central: o da filiação divina de Jesus, que teria ressurgido de entre os mortos. Tal crença, portanto, se baseia em um ato sobrenatural, que não tem explicação pelas leis da natureza ou pela ciência. Entretanto, toda a fé cristã não teria sentido se Cristo não ressuscitasse, e não se poderia ser cristão sem se acreditar em milagres, pelo menos nesse.

O MILAGRE

Contudo, com a revolução científica, o milagre não foi mais facilmente aceito pelo homem moderno; transformou-se em uma metáfora e passou a indicar uma notável conquista da ciência: o transplante de órgãos é milagroso, a eletrônica trouxe invenções milagrosas e o desembarque do homem na Lua foi um milagre. Até milagres econômicos são proclamados. Mas, como todo mundo tem o direito de acreditar no que deseja, não se deve discutir problemas de fé religiosa, bem como os de certas ideologias que, até por seu fanatismo, assumem caráter religioso. Estas constituem verdadeiras perversões coletivas,

ou mesmo aberrações do pensamento, e se instituíram científicas para tornarem-se epidemias malélicas que carregam em torrente povos inteiros.

OUTROS FILÓSOFOS EVOLUCIONISTAS

Um filósofo de tradição evolucionista, que convém ressaltar, foi Thomas Henry Huxley (1825-1895), que defendeu a doutrina da evolução não só com argumentos lógicos, mas também com um acervo convincente de fatos científicos, pois, a par de filósofo, era também um biologista brilhante. Seu célebre livro *O lugar do homem na natureza* exerceu quase tanta influência quanto *Origem das Espécies* na conversão do mundo aos princípios evolucionistas. Afirmava que as instituições sociais e os ideais éticos, em vez de serem ordenados por Deus, eram simples produtos da herança biológica: “As ações que chamamos pecaminosas são parte integrante da luta pela existência”.

As obras de outro filósofo, o alemão Friedrich Nietzsche, também revelam uma nítida influência da Teoria da Evolução. Sua ideia básica era a de que se deve deixar a seleção natural agir livremente entre os seres humanos, como entre as plantas e os animais. Acreditava que uma constante eliminação dos incapazes acabaria por produzir uma raça de homens que se distinguiriam, acima de tudo, pela coragem moral e pela força de caráter. Aqueles que deveriam perecer na luta seriam os fracos morais, os ineptos e os covardes, que não teriam força nem coragem para vencer na vida. Mas, para que tal processo de seleção natural pudesse agir com eficiência, seria preciso afastar previamente os obstáculos religiosos, principalmente os representados pelo cristianismo e pelo judaísmo, que exaltam e transformam em virtudes

qualidades que deveriam ser consideradas vícios: humildade, resignação, mortificação da carne e piedade para com os fracos e incompetentes.

Em 1871, Darwin publicou sua segunda grande obra – *A Ascendência do Homem* –, na qual procurou demonstrar que a raça humana descende originalmente de algum antepassado simiesco, há muito tempo extinto, mas que foi provavelmente o tronco comum dos antropóides existentes e do homem.

O DESENVOLVIMENTO DAS HIPÓTESES DARWINIANAS

As hipóteses darwinianas foram desenvolvidas e melhoradas por vários cientistas que sucederam seu criador. Em 1901, o botânico holandês Hugo de Vries (1848-1935) publicou a sua célebre Teoria das Mutações, baseada em grande parte nas leis da hereditariedade descobertas pelo monge austríaco Gregor Mendel (1822-1884). Sustentava De Vries que a evolução não resultava apenas de pequenas variações, como queria Darwin, mas de diferenças radicais ou mutações, que podiam surgir em proporções mais ou menos definidas entre a descendência. Quando qualquer dessas mutações fosse favorável à sobrevivência num dado meio, os seus portadores seriam naturalmente os vencedores na luta pela existência. Não só os descendentes desses indivíduos herdariam essas qualidades, mas, de tempos em tempos, apareceriam novos indivíduos mutantes, alguns dos quais ainda melhor adaptados à sobrevivência do que seus pais. Desse modo, poderia surgir uma nova espécie dentro de um número limitado de gerações. A Teoria das Mutações

de De Vries corrigiu um dos principais pontos fracos da hipótese darwiniana. São tão mínimas as variações que Darwin considerava como parte das mudanças evolutivas, que seria necessário um tempo incrivelmente longo para se produzirem novas espécies. De Vries tornou possível conceber a evolução como processando-se por meio de saltos repentinos, mas baseando-se nos princípios fundamentais da seleção natural de Darwin.

NOVAS CONQUISTAS BIOLÓGICAS

Depois da exposição e comprovação da evolução orgânica, outras conquistas biológicas importantes ocorreram: por volta de 1835, o biólogo alemão Theodor Schwann (1810-1882) verificou que não só as plantas¹², mas também os animais, se compõem de células e que, salvo as formas mais simples, todos os seres vivos crescem e amadurecem pela divisão e multiplicação dessas diminutas unidades estruturais. Alguns anos depois, descobriu-se que todas as células eram compostas essencialmente da mesma substância, a que Hugo Von Mohl (1805-1872), cientista alemão, deu o nome de protoplasma. Os trabalhos de Schwann, Von Mohl e outros conduziram à fundação da citologia, o estudo científico das células.

Outro avanço importante da biologia, nesse período, foi o desenvolvimento da embriologia, iniciada pelo teuto-russo Karl Ernst von Baer (1792-1876) que, aproximadamente em 1830, formulou a chamada Lei da Recapitulação, a qual, aperfeiçoada por Haeckel, estabelece que, durante o período embrionário, cada indivíduo recapitula ou reproduz as várias fases importantes da evolução da espécie a que pertence.

12 A estrutura molecular das plantas já havia sido descrita por Robert Hooke (1635-1703), cientista e botânico inglês, no século XVII.

Posteriormente, em 1865 aproximadamente, Louis Pasteur¹³ lançou as bases da ciência bacteriológica, com a comprovação de que a geração espontânea da vida era inexistente. Até então supunha-se que as bactérias e outros organismos microscópicos se originassem espontaneamente da água ou de matérias animais e vegetais em decomposição: era a tese da geração espontânea. Pasteur logrou convencer o mundo científico de que todas as formas existentes de vida, por mais diminutas que fossem, só poderiam ser reproduzidas por seres vivos preexistentes. Foi essa a sua famosa Lei da Biogênese: todas as formas conhecidas de vida provêm de uma vida preexistente.

Outro marco significativo do progresso das ciências biológicas, na segunda metade do século XIX, foi, sem dúvida, a Teoria Microbiana das Doenças, obra, sobretudo, de Louis Pasteur e de Robert Koch¹⁴, a qual possibilitou significativo progresso da medicina.

NOVOS RAMOS DO CONHECIMENTO HUMANO

O grande desenvolvimento observado em todos os ramos do conhecimento humano, sobretudo na Física, pelos descobrimentos relativos à estrutura da matéria e pelas teorias de Einstein¹⁵, fez com que muitos pensadores abandonassem inteiramente o mecanicismo e o materialismo e que outros

adotassem atitudes de ceticismo ou que procurassem novas orientações filosóficas. É o caso do pragmatismo, fundado por Charles S. Peirce (1839-1914), cientista e filósofo norte-americano, cuja doutrina toma como critério de verdade o valor prático que tenha efeitos positivos e seja útil ao homem. Peirce formulou a doutrina num sentido puramente lógico e metodológico, sendo depois desenvolvido num sistema de amplas proporções por William James (1842-1910), filósofo norte-americano, e John Dewey (1859-1952), também filósofo norte-americano, ampliando-a inclusive para o campo da ética. O pragmatismo abandonava a metafísica como inútil e ensinava que todo conhecimento deve ser buscado não como um fim em si mesmo, mas como um instrumento para a melhoria das condições da vida na terra.

Outra corrente de pensamento contrária ao mecanicismo e ao materialismo foi a dos neo-idealistas, integrada pelo italiano Benedetto Croce (1866-1952), o inglês Francis Herbert Bradley (1846-1924) e o norte-americano Josiah Royce (1855-1916). Os neo-idealistas procuravam conservar a sua fé na religião e na perfeição última, opondo-se aos céticos e materialistas. Alguns outros filósofos apresentaram conclusões bem diversas. Era o grupo dos neo-realistas, que desprezava a tendência de procurar refúgio na fé ou em qualquer forma de fuga à razão. Admitiam que os

13 Pasteur, Louis (1822-1895), químico e biólogo francês. Por meio de experiências que constituem um modelo do método experimental, Pasteur pôde afirmar, em 1862, que a tese da geração espontânea era absolutamente improcedente. Durante anos Pasteur lutou para demonstrar que os microorganismos são, em medicina, os agentes das moléstias contagiosas e, em cirurgia, os propagadores da infecção. Descobriu o princípio da vacina preventiva, por inoculação de micróbios com a virulência atenuada previamente. Em 1885, conseguiu obter a vacina contra a raiva, que o consagrou definitivamente.

14 Koch, Robert (1843-1910), médico alemão. Publicou, em 1882, seus estudos sobre a tuberculose e sobre a descoberta do bacilo que leva seu nome. Conseguiu, logo depois, cultivá-lo fora do organismo e gerar a doença em animais, com o produto dessa cultura. Descobriu igualmente o *Vibrio Cholerae*, agente etiológico da cólera.

15 Albert Einstein (1879-1955), físico alemão, um dos maiores cientistas de todos os tempos, autor da Teoria Geral da Relatividade. Einstein tinha uma concepção de Deus idêntica à do filósofo Spinoza, isto é, que só admitia a existência de uma substância essencial no Universo, da qual espírito e matéria não passavam de aspectos diferentes. Essa substância única era **Deus**, que se identificava com a própria natureza.

fatos da ciência podiam não ser a verdade completa ou final, mas argumentavam que eles eram a única verdade suficientemente concreta para poder servir como orientação na vida. Tal era especialmente a filosofia do inglês Bertrand Russel (1872-1970), matemático e filósofo, um dos mais eminentes neo-realistas e um dos grandes autores de obras filosóficas do século XX.

Um grupo de pensadores, no entanto, mesmo reconhecendo a influência da ciência no pensamento filosófico, considerava que ela colocava à frente do homem um universo frio e estranho e que, portanto, se devia buscar refúgio na satisfação estética, no culto sábio e perspicaz da beleza. Esta nova atitude foi introduzida por Walter Horatio Pater (1839-1894), ensaísta e crítico inglês do final do século XIX, o qual afirmava que o sucesso na vida consistia em reagir de maneira permanente à experiência estética.

O mais conhecido de todos os filósofos da satisfação estética foi provavelmente Santayana¹⁶. Opondo-se a toda pretensão filosófica de atingir verdades absolutas, viu no materialismo mecanicista a única explicação racional da realidade. Mas seu materialismo não era dogmático e não excluía o espírito. Santayana via no espírito o mundo da liberdade e considerava que só a dimensão espiritual possibilitava a vida livre. Sua influência no campo da estética projetou-se por meio de livros, como *O Senso do Belo* (1896).

NOVOS ASPECTOS DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

A história da filosofia apresentou um quadro de pessimismo e desilusão para a maioria dos intelectuais e filósofos que viveram o período das duas guerras mundiais, da ascensão do fascismo, do nazismo e do comunismo, das tensões da Guerra Fria e da política internacional.

Uma das mais importantes, dentre as filosofias, que tendiam a encarar com pessimismo o homem e seu mundo era a neo-ortodoxia do teólogo suíço-alemão Karl Barth (1886-1968). Assumindo a forma de um sistema teológico, apresentava conclusões profundas a respeito da natureza da vida e do destino do homem.

Semelhante no propósito, mas inteiramente diversa na forma e no conteúdo, era a neo-escolástica ou o neo-tomismo de Jacques Maritain¹⁷ e seus seguidores. Para os neo-escolásticos, a salvação do mundo dependia do desenvolvimento de uma cultura cristã, baseada na sabedoria de Santo Tomás de Aquino.

Outra corrente do pessimismo filosófico foi a representada por um movimento conhecido como existencialismo, o qual se originou na França, por volta de 1938. Fundado por Jean-Paul Sartre¹⁸, professor de filosofia em Paris, deu ele o nome a sua doutrina pelo fato de que a existência do homem, como indivíduo livre, é o aspecto fundamental da vida.

16 Santayana, Jorge Augustin Nicolás Ruiz, dito George (1863-1952), filósofo, escritor e crítico norte-americano de origem espanhola.

17 Maritain, Jacques (1882-1973), filósofo e literato francês, tornou-se o expoente do neotomismo, desempenhando um papel da maior importância no movimento intelectual e espiritual do catolicismo francês entre as duas guerras.

18 Sartre, Jean-Paul (1905-1980), filósofo, romancista, dramaturgo e político francês. Foi um dos principais expoentes do existencialismo, escrevendo obras filosóficas e literárias nas quais propunha uma visão do homem como dono do seu próprio destino e cuja vida fôsse definida por seu projeto e por suas ações próprias. Sua análise dos problemas da existência humana, dentro da rigorosa técnica filosófica, encontra-se em *O Ser e o Nada*. Pelo seu progressivo engajamento político, Sartre foi levado a inserir o existencialismo dentro de uma concepção filosófica mais ampla, que encontrou no marxismo. A fundamentação teórica dessa nova posição encontra-se em *Crítica da Razão Dialética*. Foi um dos mais fecundos e ativos intelectuais do século XX.

Cumprir observar que, além do existencialismo ateu de Sartre, havia uma forma cristã mais antiga de existencialismo, emanada dos ensinamentos de Sören Kierkegaard (1813-1855), teólogo dinamarquês dos meados do século XIX. Por sinal, as doutrinas de Kierkegaard também influenciaram a neo-ortodoxia de Karl Barth. Durante as décadas de 1930 e 1940, o maior expoente do existencialismo cristão foi Karl Jaspers¹⁹.

Os anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial presenciaram uma influência crescente da filosofia política e social conservadora, como observada na obra de Friedrich August von Hayek, ao qual se atribuiu a paternidade desse novo movimento²⁰. Já no

final do século XX e início do novo milênio, o movimento-chave da filosofia coube aos filósofos analíticos, que consideravam que os problemas podiam ser esclarecidos pela análise da linguagem, e aos pós-modernistas, que argumentavam que só podiam descobrir os verdadeiros significados das palavras analisando as crenças e suposições (estruturas do pensamento) subjacentes ao que se diz. A “desconstrução” da linguagem seria, portanto, a chave para todo o entendimento. Dois importantes filósofos da Escola Pós-Modernista foram Jacques Lacan²¹ e Jacques Derrida²².

PALAVRAS FINAIS

A Teoria da Evolução, já sesquicentenária, sofreu críticas, correções e ajustamentos necessários e consolidou-se como uma das grandes conquistas científicas da história da humanidade, sobretudo quando suas teses foram devidamente comprovadas pela engenharia genética e pela bioquímica. Sua influência sobre a maioria dos movimentos filosóficos das últimas décadas do século XIX e do início do século XX foi significativa, principalmente com Spencer, Huxley, Haeckel e Nietzsche, e serviu de apoio ao materialismo, ao mecanicismo, ao ceticismo e a outras doutrinas contrárias às religiões tradicionais.

Porém, depois da significativa influência da Teoria da Evolução e dos progressos da biologia e de ciências afins no pensamento filosófico, novos movimentos foram surgindo: os filósofos analíticos, os existencialistas, os estéticos, os pragmatistas, os pós-modernistas, com novos argumentos e novas perguntas sobre o mundo e sobre a vida humana, em atitude de reflexão, crítica ou especulativa, sobre o conhecimento humano e o seu papel na natureza. Se a ciência nos dá o conhecimento, somente a filosofia nos pode conferir sabedoria.

**Se a ciência nos dá o
conhecimento, somente a
filosofia nos pode conferir
sabedoria**

19 Karl, Jaspers (1883-1969), filósofo e psiquiatra alemão. Considerava a reflexão filosófica não como uma atividade teórica, mas como uma prática de um gênero único, implicando sabedoria e experiência. Escreveu *Filosofia da Existência* (1938) e *Bomba Atômica e o Futuro* (1958), entre outros livros.

20 Hayek, Friedrich August von (1899-1992), economista britânico de origem austríaca. Em seus livros *O Caminho da Servidão* (1943) e *Estudos de Filosofia Política e de Economia* (1967), condenava todas as formas de interferência coletivista na economia, que pode levar à supressão das liberdades.

21 Lacan, Jacques Marie (1901-1981), psiquiatra e psicanalista francês. Acreditava que o eu, incluindo o inconsciente, é instável, formado por uma rede de linguagem e costumes sociais.

22 Derrida, Jacques (1930-2009), filósofo francês. Criou a “desconstrução” técnica para analisar textos filosóficos e identificar as crenças metafísicas.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<PSICOSSOCIAL>; Filosofia; Ciência;

BIBLIOGRAFIA

Ciência Ilustrada – História dos Três Reinos da Natureza – Vol II – Abril Cultural, 1969.
Darwin, Charles – *A Origem das Espécies* – Editora Universidade de Brasília – 1982.
Galeffi, Gina Magnavita – *Farias de Brito, uma antologia* – Instituto Nacional do Livro – MEC, 1979.
Grande Enciclopédia Larousse Cultural – Nova Cultura Ltda – 1998.



REDE
BIM

Rede de Bibliotecas Integradas da Marinha

A leitura a um clique do mouse

Conteúdo Digital na REDE BIM

Acesse:

<http://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/pergamum/biblioteca/index.php>



Livros Digitais



- Humanas
- Exatas
- Biociências
- Jurídica
- Ciências Sociais Aplicadas

Os estudantes terão acesso rápido e fácil a milhares de títulos acadêmicos entre as principais publicações de diversas áreas de especialização, de qualquer lugar pela Internet.

atlas

grupo a



Editora Saraiva

Revistas Participantes do Programa de Indexação Compartilhada de Artigos de Periódicos - ICAP



→ Acesse: <http://www.pergamum.pucpr.br/icap/titulo.php>

Produções Científicas do Sistema de Ensino Naval - SEN

CIAGA | EGN



DPHDM



apoio:

Minha Biblioteca
SEUS LIVROS A UM CLIQUE!

www.minhabiblioteca.com.br